

Chissano diz que há «um preço-limite» para a Paz

S&C JB 18-9-89

O presidente moçambicano Joaquim Chissano disse que a paz no país «não pode ser obtida a qualquer preço».

Falando na abertura do parlamento, o chefe de Estado da RPM sublinhou que «a paz deve ser um instrumento para a consolidação da nossa independência e unidade nacional».

A paz será apenas aceitável na «base da ordem estabelecida», acrescentou, «não na base da violência praticada por qualquer grupo».

Ele argumentou que esforços diplomáticos para pôr termo à guerra contra a Renamo passaram de mão em mão, fortalecendo as forças armadas na luta contra o banditismo.

O chefe de Estado moçambicano observou que durante a visita a Maputo, em Julho, o presidente F. W. de Klerk prometeu que iria tentar «terminar o apoio dado aos bandidos a partir do território da África do Sul». Chissano exprimiu a esperança de que De Klerk «assegure que o Acordo de Incomáti seja implementado completamente».

O mundo está atento aos sinais de «seriosidade do novo Governo seja irrefutável sinal de mudanças». Isso deverá incluir a libertação de Nelson Mandela e de outros prisioneiros políticos, o fim do estado de emergência, o termo de banimento das organizações democráticas, e o começo de negociações com o movimento democrático da África do Sul.

«Eleições racistas não deverão ser repetidas na África do Sul ou em qualquer outro lado».

O orador manifestou a sua preocupação perante «manobras persistentes» para privar o povo namibio ao seu direito à autodeterminação. Joaquim Chissano apelou para que seja aumentado o número de pessoal das Nações Unidas na Namíbia para garantir que as eleições marcadas para Novembro sejam verdadeiramente livres.

O presidente da RPM disse que a taxa de crescimento de Moçambique é este ano de cerca de 4% mas que o Governo do país iria tentar impulsionar para o objectivo de 4,5 por cento antes do final do ano de 1989.